



IV domingo do Advento

2Sam 7,1-5.8-12.14.16;

Sl 88;

Rm 16,25-27;

Lc 1,26-38

Eis-me!

O anjo entrou onde ela estava e disse: «Alegra-te, cheia de graça! O Senhor está contigo». Ela ficou muito confusa com estas palavras e começou a pensar qual seria o significado da saudação. O anjo, então, disse: «Não tenhas medo, Maria! Encontraste graça junto a Deus. Conceberás e darás à luz um filho, e lhe porás o nome de Jesus». [...] Maria, então lhe perguntou: «Como acontecerá isso, se não convivo com homem algum?». Respondeu-lhe o anjo: «O Espírito Santo descera sobre ti, e o poder do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra. Por isso, aquele que vai nascer de ti será chamado santo, Filho de Deus. [...] Maria disse ao anjo: «Eis aqui a serva do Senhor! Faça-se em mim segundo a tua palavra». E o anjo retirou-se.

Naquele tempo... era o sexto mês de gravidez de sua prima Isabel, e Maria estava em sua casa. Por que o Evangelho nos descreve de forma assim precisa o momento e a sequência dos acontecimentos? Não é por precisão cronológica, mas para fazer-nos compreender que se trata de uma história verdadeira e, sobretudo, para dizer que Maria sabia onde estava, conhecia os eventos que ocorriam ao seu redor, sabia que estava prometida como esposa a José e procura entender o sentido daquilo que vivia, humanamente, como mulher verdadeira, com fé. No entanto, nos comove ouvir aquilo que estava preparado para ela, maravilhada pela grandeza da perspectiva da Encarnação. Mas, ao contrário do primo Zacarias, não pede provas, não quer ter garantias, se confia, sem perder a consciência de si, dado que não convive com homem algum, e ainda assim se confia a Deus com o seu «Eis-me».

A visita se conclui com a narração sintética da história (Isabel, velha, grávida de seis meses) sobre a potência do Criador (para Deus, nada é impossível) e ao espanto (todos a diziam estéril). «Deus, principio e fim de todas as coisas, pode ser conhecido, com certeza, com a luz natural da humana razão, a partir das coisas criadas» (Rm 1,20), em uma contínua integração entre a inteligência e confiança, dado que «A Deus que revela, é devida a obediência da fé com a qual o homem se abandona a ele total e livremente, prestando-lhe profunda reverência do intelecto e da vontade e assumindo voluntariamente a revelação que ele faz» (DV 5). Aproximemo-nos de Maria conscientes da nossa história, confiantes na onipotente bondade do nosso Deus e descobriremos os grandes dons que nos preparou, permanecendo maravilhados diante de sua presença.

*Alegra-te, plena de graça, o Senhor está contigo,
bendita és tu entre as mulheres.*

Cada vez que olhamos para Maria voltamos a acreditar na força revolucionária da ternura e do afeto. Nela vemos que a humildade e a ternura não são virtudes dos débeis e fracos, mas dos fortes, que não têm necessidade de maltratar os outros para sentirem-se importantes. Olhando-a descobrimos que, aquela que louvava a Deus porque «depôs dos tronos os poderosos» e «despediu os ricos de mãos vazias» (Lc 1,52.53) é a mesma que assegura calor humano à nossa busca de justiça (EG 288).

